Dr. Carlos A. Disandro

O AntiCristo

Resposta ao "cardeal" primaz Juan C. Aramburu

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Dr. Carlos A. Disandro

O AntiCristo

Resposta ao “cardeal” primaz Juan C. Aramburu

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sua Eminência:

Atribuo a Vossa Eminência este título tradicional do cardinalato, pelo menos desde o século XVI, para afastar qualquer presunção de ofensa neste texto, que é conciso e essencialmente teológico. Embora Vossa Eminência, por imposição da Bula de Paulo IV (quarto), do Direito Canônico secular, etc., ou simplesmente pelo império da Fé, seja um "cardeal" deposto, privado de todos os seus graus, dignidades, cargos, funções e prerrogativas; subordinado ao seu "mestre", o antipapa ocupante, como um anticristo da cátedra romana, como um precursor inconfundível de O ANTICRISTO.

Portanto, interessa primordialmente a substância da FÉ e a doutrina correspondente; depois, as dignidades, cargos e funções que na ECCLESIA exercem segundo essa FÉ e para a guarda e exaltação dessa FÉ na SACRA TRADIÇÃO. Consequentemente, em última instância delineia-se a situação pessoal — a consciência, como dizem agora — cuja solidez e destino só é julgada pela intocável sabedoria divina, à qual, naturalmente, também está submetido, e gravemente submetido, quem isto escreve, por mandato de meu mestre São João Apóstolo, autor do Evangelho, que vocês, dignidades canônicas DEPOSTAS, vilipendiam, esvaziam e crucificam; desse EVANGELHO, incriminado e escarnecido por Wojtyla, Ratzinger, Lustiger, Aramburu, Primatesta e tutti quanti. E embora limitado e indigno, em muitos pormenores, em muitos aspectos ostensivos e dolorosos, minha força e autoridade procedem dessa ECCLESIA e dessa FÉ INTEMERATA e SUBLIME, que vocês traem e entregam, como novos fariseus e saduceus, aos negadores do Senhor, e da qual apostataram junto com João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, o theríon-pontifex, descrito no capítulo XIII.11-12 do *Apocalypsis*.

Esta é a primeira clareza que quero estabelecer sem rodeios em um texto, seguramente insólito para a sua credulidade de apóstata convicto; primeira clareza, a saber, que se o chamo de "eminência" é por desejo de não confundir tudo no emocionalismo pseudo-místico e adulterado que vocês empunham, e por exigência objetiva de seu perfil no "episcopado", e do meu na atribulada e atormentada paróquia, para os quais vocês apenas perseguem a FÉ. Mas, ao mesmo tempo, para marcar acima de todo emocionalismo, humildades regressivas e farisaicas, que minha autoridade na FÉ é superior à sua, pois um *apóstata* não pode reivindicar nenhuma autoridade, que é o que é PELA FÉ, e não pela burocracia dos saduceus, que se apoderaram da Ecclesia. Isso é diáfano, inquestionável, absoluto.

Feita essa delimitação imprescindível e objetiva, vejamos o conteúdo e rigor da minha resposta, pois já estou totalmente desligado de sua "autoridade" írrita e corrupta. Essa resposta leva em conta, primordialmente, seu discurso da Quinta-Feira Santa, 23 de março de 1989 (LA PRENSA, 25.III.89, p. 6) e o texto que "institucionaliza" o "diálogo" entre o catolicismo argentino e a religião judaica (ibidem, p. 6, com as informações posteriores sobre esse mesmo "evento"), em tudo o que você, como "cardeal primaz", ordena, impulsiona, favorece e protege, segundo a apostasia já mencionada, sob a condução do antipapa, tirano da Igreja perseguida, e a semântica de alguns textos do concílio e de comissões diversas, que são simplesmente a traição à FÉ, por imposição dos acordos com a loja B'nai B'rith. Sobre este ponto, já agora, antes de prosseguir em meu discurso, assinalo:

I. que a edição abominável de João Paulo II e o judaísmo, 1979-1987, Ediciones Paulinas, Buenos Aires 1987, é realizada com o patrocínio e promoção do Distrito XXVI Argentina da mencionada loja judaica do mais alto nível iniciático e operativo;

II. que, para sua instrução, convém que revise cuidadosamente o capítulo *La plus grande force organisée des temps modernes*, no livro de Yann Moncomble, *Les Professionels de l'antiracisme*, Paris 1987, pp. 231-279. Aparentemente, a Argentina é um "distrito" para esse poder, que você acata e serve.

Desnecessário acrescentar que reviso inúmeros "discursos" e "atitudes" seus, que não tenho por que analisar. Simplesmente considero um contexto total, uma curva explícita de apostasia da Tradição.

Devo esclarecer que em meu livro *A heresia judeu-cristã*, Buenos Aires 1983, e em meu caderno *A Crise da Fé e a Ruína da Igreja Romana. Resposta ao Cardeal Joseph Ratzinger*, Buenos Aires 1986, Vossa Eminência encontrará outras precisões no que diz respeito a referências inexcusáveis que agora omito. Entretanto, esses meus trabalhos entre 1964 e 1986 cobrem um período de singular agonia da FÉ VIVENTE; a eles devo acrescentar minhas Proclamações doutrinárias 1-10 (entre 1977 e 1989), e os opúsculos *A mensagem da Santíssima Virgem na Montanha de La Salette*, 1987; *O enigma de Monsenhor Lefebvre*, 1989; *A Tradição na perspectiva trinitária e teândrica*, 1989[1]. São apenas marcos, para que Vossa Eminência perceba o sentido do combate que empreendo livremente no estilo de São Atanásio (cf. *São Atanásio e o combate da Fé*, capítulo do meu livro *Filologia e Teologia*, Buenos Aires 1973).

Pois bem, distingo, em primeiro lugar, em suas alocuções e nesta em particular, uma série de generalidades que, ao menos no discurso e na mensagem concretos, confundem constantemente a realidade teândrica de Cristo, a realidade teândrica do que Vossa Eminência chama de "a obra de Jesus", sem esclarecer muito sua semântica inconfundível; e depois as benditas distinções pastorais, e seus fundamentos ecumênicos e sociomórficos com que a "igreja romana" encobre sua apostasia e sua inconvalidável conivência com a sinagoga de Satanás. Mas esses dois planos, habilmente manipulados pelos herdeiros dos falsos papas João XXIII e Paulo VI, parecem adquirir traços de "sagrada página" deste Neo-novo-testamento, e de "sagrada doutrina infalível", pois, para a mistificação religiosa, implementada pelo grande herege Karol Wojtyla. Essa mistificação, com sua imponente massa de textos, contrários à simplicidade e à Verdade do Evangelho e da Igreja, converge, desde o concílio até hoje, com os poderes mundialistas que submeteram os povos cristãos à tirania dos saduceus e fariseus, em nome precisamente de um Evangelho vilipendiado e adulterado. Mas, no primeiro plano de suas generalidades obsoletas, gastas e estéreis, Vossa Eminência se esquece de **O ANTICRISTO**, sobre o qual nos adverte precisamente São João; e, no segundo plano, pretende Vossa Eminência, como todos os vaticanistas, cismáticos e hereges insanáveis, confundir a Fé com autoridade (a de vocês, entenda-se bem), pelo que, como poderia advir o anticristo em uma "igreja" e em uma cátedra romana tão "magnífica e segura", embora seja agora, com o polaco, a Babilônia, embriagada com o sangue dos mártires e dos justos? Impossível. Só resta a solução de Martín Buber e Edmond Fleg, impulsionada pelas lojas judaicas, a saber: o "messias" por vir é o único messias judeu, o único "messias" crível, portanto; o único aceitável (para vocês, para mim não), precisamente O ANTICRISTO, cujo poder mundial vocês preparam, alentam e idolatram sob a capa do cristianismo. Pois o KHRISTÓS (verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, o único Senhor) já veio e ressuscitou, e devemos vislumbrar "o reino do Antí-Khristos", emergente da "igreja apóstata". E isso derruba todo o seu discurso já mencionado e toda a dialética do theríon-pontifex.

✠

Por isso, com minha resposta, mais do que esmiuçar seus lamentáveis conceitos e palavras, nessa e em outras oportunidades, ou comentar a incrível e nefasta pressão judaizante, prefiro enfrentá-lo com a *quaestio*

fundamental: que “o Antí-Khristos” não pode destruir a essência da Igreja, a Ecclesia do credo de Niceia, é verdade; mas pode, sim, recrutar na apostasia a hierarquia inteira, com papas, cardeais e colégios episcopais; recrutar tanto os poderes mundanos quanto os judeus e sectários; enfim, pode apoderar-se das cátedras da FÉ — *episcopi* — e, como um Lustiger qualquer, destruir a piedade, a vigência do *Mysterium* Eucarístico, enfim, a cultura do Mistério Agapístico. Em outras palavras, pode adulterar, falsificar, substituir a semântica da FÉ, e negar *in totum* essa semântica e declará-la abolida, mas não “fora” da igreja, e sim “dentro” e “desde dentro” da igreja. Pode e o faz; prova disso são seus atos e suas palavras, que, embora mitrados, entesouram e fomentam a apostasia. Prova também a incomensurável ruína da Igreja Romana, cuja voz não é mestra da Fé, mas, ao contrário, treva da apostasia. Essa treva já cobre toda a dimensão do que convencionamos continuar chamando “igreja católica romana”, esvaziada de sua FÉ, carente do Logos da FÉ; ludíbrio das forças satânicas que a ocupam, no lugar do Paráclito.

Não é que Vossa Eminência tenha se referido aos “antíkhristoi” ou a O ANTICRISTO em seu discurso da Quinta-Feira Santa, mas, pelo contrário, que, seguindo a inspiração judaizante onipresente e soberba que escraviza todo o colégio episcopal e purpurado romano, Vossa Eminência o omite, como sempre; nega, desconhece, escamoteia, como dado inquestionável da FÉ. Todas as suas palavras, argumentações e edulcorada eclesiologia repousam nesse pressuposto: não há antíkhristoi, nem O ANTICRISTO, e Vossa Eminência contravém o ensino explícito de São João e da verdadeira Ecclesia, em tempos precisamente de ostensivo poder do *Antí-Khristos*.

Então, se repetirmos a sentença: vã é nossa FÉ sem a RESSURREIÇÃO do Khristós, seu corolário teológico, absoluto, não epocal ou de “revelações privadas”, como dizem vocês, diria-se: se não afirmamos que é de FÉ o advento histórico-concreto de O ANTICRISTO, a Ressurreição carece de entidade escatológica, é um *flatus vocis* do poder clerical ou do confusionismo sectário dos protestantes, e torna-se novamente um eixo de manipulação judaica, diante de todo o cristianismo, com todas as suas confissões e seitas. É justamente a RESSURREIÇÃO que PROVOCA a história intramundana, desde seu centro até seu *telos*, cuja cúspide é O ANTICRISTO.

Estas são, Eminência, aclarações forçosas para não confundir a *quaestio* com uma disputa interessante acerca de textos (filológica), com um rebrote de finitismo temporal místico e sectário, ou com formulações de reducionismo doutrinal *ad usum indigenarum*, vestidas de lamentáveis

taparrabos (a teologia jesuíta desde o século XVI até agora, ao menos na América), nem tampouco confundi-la com um emocionalismo místico ou pseudomístico questionável e substituível por outros pormenores da piedade conformadora, como poderia ser a devoção, muito respeitável, da via Crucis. Não. A Ecclesia, na medida em que renega Cristo, na medida da APOSTASIA, conhecerá o poder de O ANTICRISTO; e, inversamente, na medida em que ocultar a realidade escatológica de O ANTICRISTO, corromperá a FÉ e provocará seu advento e seu poder. Portanto, se o judaísmo é a negação de Cristo, Homem verdadeiro e Deus verdadeiro, sua infiltração e expansão larvada, oculta ou ostensiva na Ecclesia, desde o "papa" até os "descamisados" do mundo, desde os "bispos" até os poderes da terra, às potências temporais, definirá a hora (*kairós*) do Anticristo, e este se aproximará fisicamente, historicamente.

De isso estamos advertidos, e essa advertência torna-se sinal da FÉ, íntegra e vivida. Não se trata, portanto, de uma propaganda sectária, à maneira de tantos hereges antigos e modernos, que representam uma invasão do apocalipse judaico, distinto por natureza da Revelação (*apokalypsis*) mistérica, teândrica e cristã. Não confundamos, pois, as coisas com as perspectivas de tantas e tantas seitas, criaturas prefiguradas do Anticristo.

Eminência, resumo, portanto, esses preliminares, antes de entrar no coração da *quaestio*, propriamente dita.

Iº) Tudo que João Paulo II e Juan C. Aramburu, "cardeal" primaz (deposto) da Argentina, presumem facilitar o poder da sinagoga de Satanás, descrita por São João no capítulo VIII de seu Evangelho; e, por conseguinte, encobrem a revelação autêntica e certa sobre O ANTICRISTO, e enfraquecem a FÉ.

IIº) Para nada se menciona a realidade física, histórica, teológica, política de O ANTICRISTO (nem do poder de seus predecessores, os antíkhristoi), dado, no entanto, inexcusável da FÉ íntegra e verdadeira. Por conseguinte, trabalham pelo seu advento, e não pelo "reino" do Senhor.

IIIº) A "igreja" do Vaticano II, regida sempre por um *ANTÍKHRISTOS*, culminando agora com este, poderoso como *theríon-pontifex*, que usurpa manifestamente a cátedra de Roma, essa "igreja" pretende tiranicamente aprofundar, expandir e consolidar a apostasia consumada de toda a congregação dos fiéis. Prepara, pois, com seu poder ecumênico, o reino de "o" ANTÍKHRISTOS, conforme define São João. Isso é tudo. Proponho-me, por isso, na resposta, retemperar a doutrina acerca do Anticristo, para deslindar *Ecclesia et Synagoga Satanae* e para reassumir, em minhas

modestas palavras, a vigência secular de uma autoridade venerável, a de São João Teólogo, meu mestre na ciência do Logos. E também para testemunhar, com que precariedade, por certo, que o Mistério da FÉ é invulnerável aos “antíkhristoi” ou a “o” ANTÍKHRISTOS.

✠

ANTÍKHRISTOS: eis uma palavra, um título, uma semântica, portanto uma “função” e um “perfil” HISTÓRICO. Comecemos, pois, por ela. Por isso, como sinal da já larvada apostasia, sabemos que Mélanie, que devia recordar, na literalidade da mensagem de La Salette, a palavra Anticristo, repetida em três ou quatro parágrafos distintos, surpreendida, perguntou: “Que é o Anticristo?”. E também, como sinal para toda a *Ecclesia* romana à beira da apostasia, São Pio X inicia sua primeira encíclica *E Supremi Apostolatus* (1903), sublinhando a doutrina acerca do Anticristo (parágrafo 4, “Os homens contra Deus”, em *São Pio X, Escritos Doutrinários*, Ed. Palabra, Madrid 1975. Texto bilíngue): Tanta *scilicet* audácia, eo furore religionis pietas ubique impetitur, revelatae fidei documenta oppugnantur, quaeque homini cum Deo officia intercedunt tollere delere prorsus praefracte contenditur! E contra, quae, secundum Apostolum eundem, propria est Antichristi nota, homo ipse, temeritate summa in Dei locum invasit, extollens se supra omne quod dicitur Deus (...). In templo Dei sedeat, ostendens se tamquam sit Deus (p. 18-20, da ed. cit.). Cuja tradução literal é a seguinte: “E, de fato, com desmesurada audácia, e com seu ódio, por toda parte se ataca a piedade de nossa religião, combatem-se as doutrinas da FÉ revelada, procurando suprimir todo vínculo sagrado entre homem e Deus, e luta-se obstinadamente, antes, para apagá-los; e, em contrapartida, o que se ergue, segundo o mesmo Apóstolo, é característica própria do Anticristo: o próprio homem, com suma temeridade, invadiu o lugar de Deus, exaltando-se acima de tudo aquilo que recebe o nome de Deus (...) De modo que se assenta no templo de Deus, mostrando-se como se fosse Deus”. E, no parágrafo anterior, havia assinalado, de forma prudente, mas firme: “o prólogo dos males que devemos esperar no fim dos tempos, *neve filius perditionis* (...) *iam in hisce terris versetur*[1].

Mas, enfim, comecemos por essa palavra, como convém a todo bom filólogo e teólogo, cujo exemplo nos dão os Padres e os bons comentaristas e místicos até hoje. Se a palavra, o título com que Khristós

1 “o Filho da perdição (...) já habita neste mundo”. Tradução da expressão latina conforme consta na ed. citada (Nota dos editores).

se entrega aos homens, não é indiferente, também não poderia sê-lo qualquer outra palavra ou variação semântica, que existe precisamente em referência ao centro contundente e explícito de toda significação. A relação também é verdadeira, sobretudo neste caso que, como vamos ver, desvenda o profundo mistério de uma história que pende do poder de *O ANTICRISTO*. Por isso, a rabinização da *Ecclesia* romana, e nela a adulteração do credo atanasiano, manifesta-se pela extinção da luz semântica de *ANTÍKHRISTOS*, extinção que acarreta a extinção de Khristós, como querem os fariseus e saduceus, antigos e modernos. E, nesta dupla sentença, já resumi a escuridão da igreja hodierna — a de sua suposta autoridade e primazia, que, por minha parte, nego resolutamente — e a escuridão em que vive a FÉ. Mas já advertiu a Mensagem de La Salette (questão privada para vocês, como ressaltei, não para mim, que considero os "sinais" conforme manda o Senhor e o Evangelho). Pois justamente, como já disse, a Mensagem da Montanha, de La Salette, fala do Anticristo, em um século carnal e estúpido, que lança os fundamentos desse desprezo pela FÉ e pela semântica da FÉ. Transcrevo um parágrafo pertinente, que diz, em tradução literal: "Tendo sido esquecida a santa FÉ de Deus, cada indivíduo desejará guiar-se por si mesmo (...) Durante este tempo nascerá o Anticristo, de uma religiosa hebreia, de uma falsa virgem, que terá comunicação com a antiga serpente; seu pai será "bispo" (...) Roma perderá a FÉ, e se transformará na sede do Anticristo (...) A Igreja será eclipsada (...) A FÉ só viverá" (op. cit., p. 21-28). Por certo, Eminência, ao estúpido século XIX, sob a condução da "ciência", das "lojas" e da "revolução", seguiu este estupidíssimo século XX, que teve sua luz, no entanto, em Pio X e Pio XII, a quem ninguém creu nem obedeceu, e menos, obviamente, o estamento da alta clerecia, e a ignorância do clero desinformado e dócil. Essa clerecia empunha a teologia da obediência, se convém a seus desígnios de mistificação e adulteração ou ocultamento; ou a teologia da subversão, se convém à sua apostasia e à sua aliança com as forças obscuras que governam o mundo e a seus desígnios de poder. Pela primeira, dizem: "Não se fala mais do *ANTÍKHRISTOS*, fala-se do ecumenismo e da aliança com a sinagoga; pela segunda, instalam na cátedra romana a "um" antikhristo, que erosiona e destrói a FÉ. E continuam chamando de Santo Padre aquele a quem se deve obedecer, naturalmente! *O tempora, o mores!* E dizem: —É melhor obedecê-lo mesmo que nos enganemos com ele. Nós sabemos que é *ANTÍKHRISTOS*, mas devem acatá-lo e segui-lo, porque a cátedra de Roma o purifica—. *Anathema sit!*

Mas existe um termo — **ANTÍKHRISTOS** — que até uma criança de catecismo poderia compreender sem muitos livros, que, quanto à sua compreensão e extensão lógicas, quanto à *sua suppositio*, como diria João de Santo Tomás, ou à sua semântica, como ensino há mais de quarenta anos, depende de *Khristós*. Mas, Eminência, devo reafirmar em uma só sentença o que separei por conveniência expositiva: nem em *Khristós* nem em *ANTÍKHRISTOS* vocês creem, ensinados por esse teósofo, antropósofo e gnóstico polaco, que atua com autoridade usurpada e caduca, isto é, írrita e sem qualquer efeito canônico. O "antropósofo" Karol Wojtyla permite-se, então, vilipendiar a Igreja perseguida, com seu sexualismo e feminismo, horrenda alquimia de um anticristo. Eis, portanto, reunidas a "teologia da obediência" e a "teologia da subversão", juntas em uma só Roma apóstata.

Avancemos, no entanto, pela rota que lhe proponho, se é que Vossa Eminência não destrói com ira este papel ardente, ardente com as chagas de Cristo, de cujo discípulo, repito, tenho mandato explícito de repetir as palavras que são o núcleo ou cifra desta imperita resposta a um cardeal primaz deposto, *eo ipso* ou *ipso facto*, como diz Paulo IV, há quase quatro séculos e meio. "Dize-lhes — ordena o Teólogo — que se recordem 'dos' antíkhristoi, em função de 'O ANTÍKHRISTOS'. Dize-lhes, enfim, que perecerão junto com seu 'mestre' polaco, satânico na destruição da Igreja Crucificada, a cujo pé choro sem consolo e busco que me acompanhes na América com tua palavra de fogo". Fico estupefato e medito, e esta é a minha meditação. Quisera calar e não escrever, mas *NON POSSUM*. A voz de São João urge e dilacera, e a treva horrenda, pletórica de rostos infernais — essa treva espessa de mentiras, adulterações e concupiscências — rodeia, como uma muralha sinistra, o mundo e a Igreja, treva consolidada, cultivada e constantemente regenerada pela apostasia. Ali cresce o poder do ANTÍKHRISTOS, contra o qual São João nos adverte.

✠

No Novo Testamento, o termo ἀντίχριστος é exclusivo de São João, e mais concretamente de suas epístolas I e II. Anoto-lhe os lugares concretos, para que suas comissões doutas — que estudam de tudo, menos o que concerne à FÉ —, para que seus helenistas eruditos reafirmem o ensino que devem ao povo cristão, sem falsificações nem manipulações semânticas, às quais a América foi acostumada para a mistificação, disseminada e reconfortada pela Companhia de Jesus. Pois é desnecessário

dizer que, por não saberem grego, a estéril igreja argentina não pode entender São João, e menos ainda agora, na inóspita mistura ecumênica e em seu fraude constitutivo e corruptor. De qualquer modo, os lugares são, em suma: I. 2. 18 e 22; II. 7 e I. 4. 3, muito importante pelo que seria a variante mais antiga do texto — e a de maior autoridade, de acordo com a tradição manuscrita —, pelo que poderíamos chamar a definição do Anticristo. Quem impôs na Igreja romana uma opção da Vulgata, e quem impediu, em todo caso, o conhecimento do texto do Apóstolo? Ali começa a sutileza do "reino do Anticristo", que vela seu perfil semântico inconfundível nas polêmicas judaizantes da primeira igreja, talvez até mesmo em vida do próprio São João. Estes são os textos que vocês — "cardeal primaz", supostos papas falecidos ou não, ou seja, Paulo VI em particular, e, desde logo, o ocupante e usurpador atual da cátedra romana, Karol Wojtyla, que cumpre plenamente em seu "reino" a sentença de I. 4. 3, e é, em consequência, "anticristo", quase pleno; enfim, textos que vocês ou desconhecem, ou escamoteiam, como os judeus e judaizantes de todas as épocas; ou desfiguram e edulcoram, sobretudo, como disse, por influência do pacto atual com a *Synagoga Satanae*, e por obra dos nefastos "doutores" da Companhia de Jesus. Estes são, no entanto, os textos que a *ECCLESIA* nunca esqueceu em seu cativeiro, pelo menos até São Pio X. Não ensinar esta semântica e esta doutrina de São João é desbaratar, corromper e, finalmente, anular a FÉ, como proferição da FÉ *in Ecclesia*, a fim de constituir uma "igreja" e um ecumenismo anticrístico que "dissolveu o Salvador" (São João I. 4. 3). Cumpre-se também aqui o que diz La Salette: "l'Eglise sera eclipsée", porque é eclipsada segundo a definição cabal do "anticristo". Não se trata de descrever catástrofes cósmicas — que existirão, por certo —; trata-se da catástrofe semântica, provocada pelo "anticristo", para substituir Cristo, ou seja, "eclipsar o Salvador", por qualquer manobra, manipulação, tirania da "obediência" ou da "subversão". E não em vão o lema que São Malaquias atribui a este pontificado confirma o texto de La Salette: "*de labore solis*", que, em bom latim, como já expliquei desde 1978, quer dizer "o eclipse do Sol". E não é preciso ser muito erudito para saber que, na linguagem simbólica do culto, da mística e da tradição exegética, "sol" é igual a *KHRISTÓS*.

O composto grego ἀντίχριστος carrega esse prefixo anti-, que justamente apresenta dificuldades para o imperito, por sua densidade significativa, transferida à densidade semântica do composto. Pois o grego cristão conservou uma característica muito importante da língua grega desde suas origens, a saber, a possibilidade complexa de variações

semânticas pelas raízes, pelos sufixos, mas também pelas variações insólitas e inesperadas dos compostos, que o latim não consegue combinar como o grego.

Duas linhas significativas comporta o prefixo:

I. Semelhante à que se conserva no latim e nas línguas românicas, ou seja, *contrário, adversário, oposto*, etc. Mas no grego clássico, primeiro, e depois no grego cristão, derivado em grande parte do grego helenístico, *essa acepção que anoto como número um não basta*. Pois, por exemplo, se os heróis são chamados *antítheoi*, seria imperdoável traduzir como "contra, adversários dos deuses". Não; os heróis ocupam, no mundo ensombrecido, o lugar dos deuses, no mito, é claro, ou no paganismo, como dizem os rabinos judeus e eclesiásticos. Essa acepção de *anti-* corresponde, portanto, notoriamente ao grego clássico, e é muito importante para não confundir o que é inconfundível. Mas já disse que, mesmo no grego clássico, helenístico-cristão, o prefixo comporta outros matizes, que no grego cristão sobretudo, tratando-se de sutis modulações semânticas, impostas ou elucubradas em geral pelos grandes hereges — como Ário, Nestorio, Montini, Wojtyla — devem ser consideradas com cuidado, sabedoria e inspiração.

II. A segunda linha seria, portanto, *"em lugar de", "em substituição a"* e, por consequência, *contra*, *adversus*, etc. Nenhum herege pretendeu "ser" no lugar do Filho de Deus; sempre estiveram contra. A característica do anticristo não é apenas estar contra, mas maquinar, com seu poder, para *ser no lugar de Cristo in Ecclesia* e, naturalmente, no mundo. Mas São João, nas breves sentenças que apresenta em seu texto, nos orienta para o segundo sentido de *anti-*, que é, aliás, *especificamente grego e especificamente consistente com a FÉ*. Por isso falo de grego cristão, agapístico, não segundo os esquemas das histórias linguísticas apenas, mas segundo o que tantas vezes expliquei, ensinei e advirti: que a *FÉ, por sua condição teândrica, é proferição da FÉ*, ou seja, *é semântica*. Tudo o mais que posso mencionar é adventício, marginal ou complementar para o campo semântico do prefixo e, por consequência, do composto.

E agora vem, segundo este horizonte **linguístico-semântico**, a visão histórica e teológico-profética do Apóstolo, rememorada após o Apocalipse e as epístolas de São Paulo. Dessas não nos ocupamos agora. São João distingue entre *antíkhristoi* (no plural), os anticristos, ou seja, aqueles que, no decurso dos tempos, pretenderão estar contra Cristo, mas sobretudo *ocupar o lugar de Cristo*, de modo variável, incoativo, potencial, mas não absoluto. E o *ANTÍKHRISTOS* (no singular, com

artigo), que é o *ápice dessa longa série ou curva misteriosa*, iniciada na antiguidade cristã, que segue sem pausa até a *culminação única e definitiva de "o anticristo"*, ou em "o anticristo", dentro da Ecclesia, e mediante a *apostasia ou adulteração da FÉ*, ou seja, segundo minhas explicações, *adulteração, manipulação e anulação da SEMÂNTICA DA FÉ*.

Os textos fundamentais, como disse, correspondem às Epístolas I e II, e delas recuperamos a *fisionomia fundamental* que a tradição tem desdobrado até os nossos dias. E é isso que nega a *igreja apóstata* de sua "eminência", juntamente com seu "papa" e "colégio de cardeais", obsoleto, nulo, absolutamente nulo. Pois, ainda que de passagem, quero clarificar este horizonte: o *colégio cardinalício* deixou de existir *entitativa e canonicamente*. Logo, não há mais "eminências", como compreenderá. Mas isso, sendo questão muito grave, é um assunto *marginal agora*. E quanto ao seu "papa", trata-se de um mero *ocupante e usurpador da sede romana*. Não é "vicário de Cristo", porque, na medida em que quer ser "em lugar de Cristo", resulta que integra a *diacronia dos antíkhristoi*, como expliquei. Mais próximo, porém, das *notas essenciais do Anticristo*.

I. Um e outros (ele e os) procedem dentre os fiéis, ou são tidos como tais. Na *eskhaté hora*, chega o *antíkhristos*, e já muitos antíkhristoi ocorreram, com i*ncidência variável nos preparativos, prólegômenos e prólogo imediato de O Anticristo*.

II. Saíram de entre nós, mas não eram dos nossos. Estão, cumprem funções na Igreja, *mas não são da Igreja*, e, embora ostentem títulos, dignidades, ofícios e jurisdições, *carecem de autoridade*, repito, porque estão *ipso facto depostos*. Compreende-se então a intenção da *Bula de Paulo IV* e do *Breve de São Pio V*[3]; compreende-se o intento ilustrado e notável de Paulo IV, quando enfrenta diretamente os estamentos da mais alta hierarquia, sem excluir a possibilidade de um papa não apenas *devius a fide*, mas simplesmente *nulo*.

III. *O mentiroso*, que não apenas mente sobre a fé e a doutrina, mas que *nega*: *—Jesus não é o Cristo—*; *esse* é o mentiroso absoluto, esse, portanto, é *o ANTÍKHRISTOS*, aquele que nega o Pai e o Filho, nascido na carne mortal (I Jo 2,18–24).

IV. Mas depois, no capítulo 4,3–4, o Apóstolo afirma enfaticamente: o *antíkhristos* é *ὁ λύει τὸν Ἰησοῦν*, isto é, *"aquele que dissolve Jesus"*, ou seja, o Salvador dos homens. Essa é a **l**eitura original do texto grego, talvez manipulada desde muito cedo. Em outros termos, dissolve o vínculo teândrico, divino-humano (verdadeiro Deus e verdadeiro homem).

Recorda-se então a importância do Concílio de Calcedônia, que coroa o edifício da FÉ TRINITÁRIA. É isso que ataca e dissolve “o” anticristo. Karol está precisamente muito próximo disso, mais próximo que Nestório ou Lutero. Resulta, ao menos, um dos maiores heresiarcas da Igreja, e desde dentro da Igreja. Mas nem Ário nem Nestório exerceram autoridade apostólica — não digo de papa, mas sequer de arcebispo ou patriarca. E, quanto a Lutero, era um monge sem jurisdição alguma, nem outra hierarquia além da de *magister theologiae*.

V. Na Epístola II, 7, diz São João que “surgiram no mundo muitos impostores, que não confessam que Jesus Cristo veio na carne. Tal é o impostor e um anticristo” (tradução de Straubinger, que conviria confrontar cuidadosamente com o grego; deixemo-la, porém, assim, pois é suficiente para o ponto em questão).

Temos, portanto, pelas epístolas I e II de São João, um perfil formidável dos “anticristos” e do “Anticristo”. Por isso, de todo o contexto, e em particular da sentença *ho lyei ton Iesoun*, o Anticristo aparece como a coroação daqueles que substituem Cristo dentro da Igreja.

Essa história começa na Sinagoga e, ainda antes, com a morte dos profetas. Prossegue na Igreja primitiva e em todas as suas eras até hoje, apesar das advertências inequívocas de papas legítimos próximos — Paulo IV, Leão XIII, São Pio X —, e culmina com um anticristo, o mais poderoso que a Igreja jamais produziu: Karol Wojtyla, “aquele que dissolve Jesus”, e, com ele, a Fé, a semântica da Fé e a Sagrada Tradição, que são, à imagem de Cristo, necessariamente teândricas.

✠

Resumo, para não confundir o caminho e não nos extraviarmos em pormenores, importantes, mas complementares:

I. O termo é próprio de São João, e mais concretamente das Epístolas I e II. Isso não significa que o “personagem”, seu perfil e sua função não estejam mencionados e significados em outros textos importantes do Novo Testamento, em particular em São Paulo. Mas desses textos não me ocupo aqui, porque se trata de outros termos e de outras particularidades semânticas. A advertência vale para sublinhar que não pratico nenhuma

omissão, que por outra parte não afeta em nada a determinação semântica que aqui proponho, essencial para a integridade e a completude da FE.

II. São João distingue entre antíkhristoi (plural) e "o" ANTÍKHRISTOS (singular). Os primeiros formam uma série, uma diacronia de maldades, perversões, negações e ocultações, exercidas em personagens concretos, históricos e inconfundíveis. O Anticristo (singular) constitui uma coroação, uma maturidade, uma substituição, pura e simples, de Cristo (anti-Cristo), uma subversão absoluta e essencial; ou, em termos congruentes, uma sincronia de poder mundial, de mistificação mundial e religiosa, de impiedade concreta e tirânica, recoberta com a imagem do Cordeiro, e, por conseguinte, uma FE traída e subvertida em sua expressão temporal, histórica e concreta, isto é, uma "revolução totalitária" tirânica na proferição da Fé. Em suma, Cristo é deslocado e eclipsado pelo anti-Cristo; a Pistis, pela anti-Pistis; a Ekklesía, pela anti-Ekklesía; a Parádosis (Traditio), pela anti-Parádosis; o Cálice, pelo anti-Cálice, etc., sendo sempre usado o prefixo no sentido grego.

III. Os anticristos (plural) e "o" Anti-Cristo (singular) procedem "de entre nós, embora não fossem nem sejam dos nossos", ou seja, procedem de dentro da Igreja, e mais concretamente de suas hierarquias, estamentos e funções que dizem respeito ao cuidado da FÉ e da Sagrada Tradição. O Anti-Cristo é um parto da igreja apóstata e adúltera.

IV. As notas fundamentais do Antí-Khristos são três:

a) substitui a autoridade do Logos encarnado, é anti- no sentido grego. Nega-o, portanto, absolutamente;

b) dissolve a unidade teândrica de Cristo (não na realidade, evidentemente, mas no magistério) e distorce e dissolve a Fé (no que chamei de Semântica da Fé);

c) por sua ação e poder erráticos e diabólicos, ataca o Mistério Trinitário e, por conseguinte, consuma a apostasia da "igreja", que ele dirige por autoridade própria. O Antí-Khristos é, pois, Autoridade que atua contra a Fé.

Tais são os ensinamentos, explícitos ou implícitos, do Apóstolo São João, confirmados, venerados e exaltados ao longo de vinte séculos pela via-sacra da Igreja e da Fé. Podemos, pois, esclarecer estes tempos obscuríssimos do século XX (in fine) com a luz de São João e definir, no precário discurso humano, o mesmo que estampou o gênio pictórico de El Greco em seus retratos de São João Jovem, a saber: do cálice que o Apóstolo sustém, geralmente com a mão direita, surge um dragão em miniatura, ou então literalmente se banha um dragão, que, por seu tamanho

diminuto, se enquadra entre as bordas do cálice, mas dele sobressai nitidamente, enquanto a mão esquerda do Apóstolo o aponta, com gesto tranquilo, firme, porém admirado, e enquanto os olhos profundos e melancólicos fitam diretamente o rosto do possível espectador do quadro[2] Eis, pois, a profecia e o ensinamento do Apóstolo, transformados em imagem pictórica magistral e terrível de um gênio religioso greco-hispânico.

Em lugar do Sangue de Cristo, o dragão campeia em seu âmbito preferido. Quem pode ser aqueles que lhe dão acesso ao vaso sagrado, senão OS QUE TÊM PODER SOBRE O CORPO E O SANGUE DE CRISTO? Porque têm esse poder, apesar da apostasia, é por isso que o dragão ocupa o Cálice de Cristo. Não é que o Santo Graal esteja maculado por um pecado. Ele está simplesmente pleno do Maligno, do Ponerós, como se diz no Pai-Nosso.

✠

Eminência, tudo o que exponho muito sumariamente e, sem dúvida, muito precariamente, brilha com a doutrina incorruptível de São João. E segundo esse brilho e essa luz, delineiam-se por contraste as poderosas trevas de Roma apóstata, que o senhor serve na apostasia, para arrastar todo o povo fiel, como a cauda do dragão arrasta viajantes ou peregrinos desprevenidos, sedentos do Cálice do Senhor. Pois o senhor é ministro do dragão, isto é, daquele que ostenta “os sinais do Cordeiro, mas fala como o dragão” (São João, Apocalipse, capítulo XIII, 11: *et habebat cornua duo similia Agni, sed loquebatur sicut draco*).

Estamos, pois, na apostasia que chega a gerar um *Theríon-Pontifex* (que se autotitula Papa João Paulo II). A *Ecclesia* é insanável por recursos humanos. Por isso, em meio à desolação que se espalha, propus-me:

Iº) proclamar a semântica da FÉ, a PARÁDOSIS, e denunciar a apostasia oficial de Roma;

IIº) demonstrar que, sem a revelação que procura definir a impostura do Anti-Cristo, é impossível reviver a FÉ e, por conseguinte, é impossível combater a apostasia.

Completemos, por isso, Eminência, a desditosa Argentina. Os capítulos místicos, teológicos, doutrinais, escriturísticos, litúrgicos; os

2 Este quadro é a imagem da capa deste livro (nota da Libro & Moschetto).

capítulos de clarificação semântica ganham sentido em função desta Argentina esfarrapada e violenta, adulterada e cínica, nas garras do dragão; ganham sentido à luz da sentença joanina: Antí-Khristos é aquele que dissolve O SALVADOR DOS HOMENS.

O que fazer? Minha voz será sufocada e minha pessoa, vilipendiada. Isso pouco importa, ou nada. A Semântica, porém, comporta o Mysterio teândrico de Cristo, e vale *per se* e não por quem a profira; vale, além disso, absolutamente; uma vez proferida, perdura, no ar cósmico que a recebe e a entrega ao Espírito Paráclito, para que a faça circular, a plenifique e ilumine, e a torne um vivente, quando tudo parece morrer. A semântica se incardina na Espiração d'Aquele que Procede, e opera o milagre da lumbre no ar invisível, mas audível, que nos liga aos antigos. Pois a Semântica Divina é "ouvir", é "o audível", aquilo que, na vibração sonora e luminosa, regenera o ente originário, o Paraíso da luz teândrica; e, por conseguinte, o *hymnein* dos anjos. A *Ecclesia* vive, viveu e viverá dessa audível lumbre intemerata. Nenhum poder tem nela "o" Anticristo, apenas uma Sombra, que atua nas maldades dos homens, por insídia interposta do Maligno e Mentiroso, já descrito por nosso Mestre São João Teólogo, no capítulo VIII de seu Evangelho Consolador, como o Espírito.

CARLOS A. DISANDRO
La Plata, Páscoa da Ressurreição de 1989.
Philólogos Mónakos em uma terrível Tebaida Americana, aberta ao Sopro de São Atanásio.

LAUDETUR SANCTA TRINITAS